

Projeto quer isentar pequena empresa do ICM

Em longo ofício, no qual expõe em detalhes as razões da sugestão, que integra o seu programa de ação para este exercício de 1982, a Federação do Comércio Varejista do Estado do Paraná, acaba de sugerir ao governador José Richa uma proposta de convênio a ser firmado em reunião do Conselho Nacional de Política Fazendeira (CONFAZ) por todas as unidades da Federação e pelo qual os Estados e o Distrito Federal ficam autorizados a excluir o crédito tributário relativo ao ICM devido pelos estabelecimentos considerados de pequeno porte, assim caracterizados a critério de cada entidade tributante.

O plano da Federação Varejista para 1982, que tem por lema "Empresa forte, mais trabalho", explica George Christofis, o presidente dessa entidade curitibana, tem como uma de suas principais propostas a luta em defesa da pequena e média empresa, mediante a eliminação de alguns entraves burocráticos e, sobretudo, pela ampliação do limite de isenção do ICM, hoje fixado para empresas com faturamento anual de até 1,500 ORTNs.

Succede - continua o dirigente curitibano - que os Estados não podem, a critério próprio, alterar as linhas de isen-

ção do ICM. Um limite de 1500 ORTNs, válido hoje para o Paraná, não o consideramos suficiente. Pode ser, por exemplo, insuficiente para um Estado do porte de São Paulo, mas válido para determinadas unidades federativas com menor arrecadado do tributo.

A sugestão, que inserimos em nosso documento-base e para o qual limitamos a 2 mil o número de páginas, vem a resultar da Federação em termos de arrecadação e que, segundo George Christofis, um número que representaria a justificação pela eliminação de uma infinidade de pequenos e médios estabelecimentos e até mesmo pela diminuição do número de fiscais necessários ao acompanhamento da vida fiscal dessas empresas.

A PROPOSTA

No expediente encaminhado ao governador José Richa, fica explícito que "por motivos óbvios" inerentes à estrutura federativa do Brasil, seriam excludentes do benefício os estabelecimentos que realizassem operações interestaduais de circulação de mercadorias.

Isa os estabelecimentos sujeitos efetivamente ao pagamento do imposto federal sobre os produtos industrializados não alcançados pela legislação federal que beneficia as unidades da Federação de pequeno porte, estaria, também, excluído do favor fiscal, como entre já ocorre, aliás, em relação à simplificação das obrigações acessórias de ICM, dadas no Anexo Sinel nº 02/81, de 23 de outubro de 1981 e publicada no Diário Oficial do Estado de 10 de novembro de 1981.

Dessa forma, a Federação do Comércio Varejista do Estado do Paraná propôs a Richa a apresentação ao CONFAZ da seguinte proposta de Convênio:

Cláusula 1.ª - Ficam os Estados e o Distrito Federal autorizados a excluir o crédito tributário relativo ao ICM devido pelos estabelecimentos considerados de pequeno porte, assim caracterizados a critério de cada entidade tributante, segundo as peculiaridades locais.

Cláusula 2.ª - O tratamento fiscal previsto na cláusula anterior não abrangera os estabelecimentos que realizassem operações interestaduais relativas a circulação de mercadorias ou os que estivessem sujeitos, efetivamente, ao pagamento do imposto federal sobre industrializados.

Cláusula 3.ª - Este convênio entrará em vigor na data da publicação de sua ratificação nacional, tendo eficácia a partir de...

APOIO DE BELTRÃO

Paralelamente, o presidente da Federação do Comer-

cio Varejista do Estado do Paraná, George Christofis, encaminhava ofício ao Ministro da Desburocratização Hélio Buarque, no qual invocava o necessário apoio à proposta.

Nesse expediente, Christofis lembra o trabalho que vem sendo desenvolvido por Beltrão à frente do Ministério da Desburocratização e, especialmente, o pronunciamento que aquela autoridade fez há quase dois anos, no Rio de Janeiro, quando anunciou a elaboração de um projeto que consistiria em um verdadeiro "Estatuto das Microempresas", e que tem servido de base para muitas propostas que a entidade curitibana paranaense tem trazido à público nestes últimos tempos e entre as quais se inclui a luta para que se alcance a simplificação das chamadas obrigações acessórias de ICM de atendimento necessário pelos estabelecimentos considerados de pequeno porte.

OUTRAS FEDERAÇÕES

A tese desse convênio está sendo encaminhada a todas as outras Federações do Comércio do país, assim como a Confederação Nacional do Comércio, a fim de que se faça um movimento de âmbito brasileiro, para que os Estados, através de suas Secretarias de Finanças, causem essa possibilidade de fixar, no CONFAZ, a ideia do acordo, pois cada país possui - a única maneira, aliás - conceder negociação às pequenas estruturas empresariais, segundo o critério que cada Estado estabeleça sobre o porte dessas entidades.

VETERANA VERBA

Coisas da cidade

David Carneiro

Quando passo pela Praça do General Osório (que conheci com aliases enormes, sem o ruído e com linhas de bondade a tração animal que atravessavam o sítio que estou velho, e poderia, num desfilar de lembranças curiosas) quase como por um livramento desfilava mesma praça.

Uma das peças curiosas que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio.

O Dr. Cândido de Abreu era paranaense de nascimento (2-VIII-1855) e veio para o Rio de Janeiro de Nacar, sem por inúmeros motivos, pessoa de grande prestígio social, inclusive pelos seus laços de família. Embora não fosse curitibano de nascimento seria, ou era, pelo coração. Prefeito uma primeira vez (entre o final do passado século e o século presente) quase não pôde fazer o que aspirava com as suas técnicas de urbanização, à Curitiba da sua época, completamente desprovida das coisas mais fundamentais que devia proporcionar à cidade renascida. Uma grande urbanização, as avenidas de contorno, e algumas outras ideias de maior valor corrente, não as pôde levar a efeito pela exiguidade dos recursos de que o Município então dispunha.

Quando o Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque foi eleito presidente do Estado do Paraná, depois do último governo do Dr. Xavier da Silva, malgrado a mocidade do filho Rio Branco fizesse força pelo capitão João Gualberto Gomes de Sá (que, ao que parece, fora mesmo convidado antes as correntes políticas e os funcionários municipais estiveram pelo Dr. Cândido de Abreu, que se comprometera a realizar (de 1912 a 1916) o que não pudera fazer em sua administração anterior.

Meu genitor foi o camarista mais votado para esse período e foi ao Dr. Cândido de Abreu, radical e por amigo incondicional do col. João Gualberto, fazer extrema, nos excessos a que chego.

O empréstimo feito pelo Estado ao Município fez, que, tal por diante, os prefeitos passaram a ser eleitos pelo presidente do Estado e não mais eleitos, como até então. De qualquer forma, o Dr. Cândido de Abreu usou o empréstimo para muitas obras úteis como o Faço Municipal, as praças e jardins, a remodelação do Passeio Público; restabeleceu alvarais e unificou níveis, pro-

jetando ruas que só muito mais tarde foram efetivamente ruas.

Esse homem eminente foi um precursor do Dr. Jaime Lerner, mesmo nas ambições políticas, porque foi deputado federal e senador pelo Paraná. Em 22 de fevereiro de 1919 desappareceu de uma infinidade de papéis e muitas coisas pelas quais devêsse ser lembrado, hoje é apenas o nome de uma grande avenida que o traz pelo nome ao presente em que vivemos.

Em 1914 se inaugurou entre outras coisas o relógio da Praça Osório, e não colocou o seu nome em placa de bronze porque ao tempo não se usava, nem se usava ainda as fitas verde e amarelo, tesouros, cortes de fitas e coisas assim.

Era tudo muito mais simples. Os elementos do executivo se achavam na obrigação de realizar os seus programas e os lavaram a efeito como um dever, sem gabar-se. Todavia, e mesmo assim, o povo se vangloriava das coisas que não davam certo, como foi o caso do relógio da Praça Osório, que, inaugurado, aos poucos dias parou. Os ponteiros foram retirados com a máquina e nunca mais voltaram para o devido funcionamento. Até por 1916, ainda antes do término do período Carlos Cavalcanti, cortia a nova forma de dizer que certas coisas não se tornariam nunca efetivas, como o "foco para as calendas gregas", ou então "só quando as galinhas fizessem desiste", e foi: "quando o relógio da Praça Osório tiver ponteiros".

Pois parece que foi alguma praça, porque durante o curso da minha vida tive notícia de vários prefeitos que tentaram conserto ou substituir máquinas.

O relógio depois de 1930 conseguiu ponteiros, mas não conseguiu andar permanentemente, e ainda hoje está parado, depois de alguns períodos sempre muito curtos de funcionamento em plena suficiência.

De fato a oferta posta em bronze: "Ao Povo a Municipalidade de Curitiba" tem sido quase desde o início (malgrado as boas intenções) demonstração de que o técnico local está falhando (há quase setenta anos) em termos radicais, ou a peça em granito mostra definitivamente que de boas intenções o inferno está calado.

A peça bonita exigia que o útil e indispensável complemento mecânico ou eletrônico estivesse prestando os devidos serviços, em termos de realidade efetiva e não em intenções que se renovam, falhando sempre e indevidamente, face ao povo a que se destina, ou a que se destinou.

Empresário

rural vai a

Maringá

Paralelamente, o presidente da Federação do Comer-

cio Varejista do Estado do Paraná, George Christofis, encaminhava ofício ao Ministro da Desburocratização Hélio Buarque, no qual invocava o necessário apoio à proposta.

Nesse expediente, Christofis lembra o trabalho que vem sendo desenvolvido por Beltrão à frente do Ministério da Desburocratização e, especialmente, o pronunciamento que aquela autoridade fez há quase dois anos, no Rio de Janeiro, quando anunciou a elaboração de um projeto que consistiria em um verdadeiro "Estatuto das Microempresas", e que tem servido de base para muitas propostas que a entidade curitibana paranaense tem trazido à público nestes últimos tempos e entre as quais se inclui a luta para que se alcance a simplificação das chamadas obrigações acessórias de ICM de atendimento necessário pelos estabelecimentos considerados de pequeno porte.

A tese desse convênio está sendo encaminhada a todas as outras Federações do Comércio do país, assim como a Confederação Nacional do Comércio, a fim de que se faça um movimento de âmbito brasileiro, para que os Estados, através de suas Secretarias de Finanças, causem essa possibilidade de fixar, no CONFAZ, a ideia do acordo, pois cada país possui - a única maneira, aliás - conceder negociação às pequenas estruturas empresariais, segundo o critério que cada Estado estabeleça sobre o porte dessas entidades.

Quando passo pela Praça do General Osório (que conheci com aliases enormes, sem o ruído e com linhas de bondade a tração animal que atravessavam o sítio que estou velho, e poderia, num desfilar de lembranças curiosas) quase como por um livramento desfilava mesma praça.

Uma das peças curiosas que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio.

O Dr. Cândido de Abreu era paranaense de nascimento (2-VIII-1855) e veio para o Rio de Janeiro de Nacar, sem por inúmeros motivos, pessoa de grande prestígio social, inclusive pelos seus laços de família. Embora não fosse curitibano de nascimento seria, ou era, pelo coração. Prefeito uma primeira vez (entre o final do passado século e o século presente) quase não pôde fazer o que aspirava com as suas técnicas de urbanização, à Curitiba da sua época, completamente desprovida das coisas mais fundamentais que devia proporcionar à cidade renascida. Uma grande urbanização, as avenidas de contorno, e algumas outras ideias de maior valor corrente, não as pôde levar a efeito pela exiguidade dos recursos de que o Município então dispunha.

Quando o Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque foi eleito presidente do Estado do Paraná, depois do último governo do Dr. Xavier da Silva, malgrado a mocidade do filho Rio Branco fizesse força pelo capitão João Gualberto Gomes de Sá (que, ao que parece, fora mesmo convidado antes as correntes políticas e os funcionários municipais estiveram pelo Dr. Cândido de Abreu, que se comprometera a realizar (de 1912 a 1916) o que não pudera fazer em sua administração anterior.

Meu genitor foi o camarista mais votado para esse período e foi ao Dr. Cândido de Abreu, radical e por amigo incondicional do col. João Gualberto, fazer extrema, nos excessos a que chego.

O empréstimo feito pelo Estado ao Município fez, que, tal por diante, os prefeitos passaram a ser eleitos pelo presidente do Estado e não mais eleitos, como até então. De qualquer forma, o Dr. Cândido de Abreu usou o empréstimo para muitas obras úteis como o Faço Municipal, as praças e jardins, a remodelação do Passeio Público; restabeleceu alvarais e unificou níveis, pro-

jetando ruas que só muito mais tarde foram efetivamente ruas.

Esse homem eminente foi um precursor do Dr. Jaime Lerner, mesmo nas ambições políticas, porque foi deputado federal e senador pelo Paraná. Em 22 de fevereiro de 1919 desappareceu de uma infinidade de papéis e muitas coisas pelas quais devêsse ser lembrado, hoje é apenas o nome de uma grande avenida que o traz pelo nome ao presente em que vivemos.

Em 1914 se inaugurou entre outras coisas o relógio da Praça Osório, e não colocou o seu nome em placa de bronze porque ao tempo não se usava, nem se usava ainda as fitas verde e amarelo, tesouros, cortes de fitas e coisas assim.

Era tudo muito mais simples. Os elementos do executivo se achavam na obrigação de realizar os seus programas e os lavaram a efeito como um dever, sem gabar-se. Todavia, e mesmo assim, o povo se vangloriava das coisas que não davam certo, como foi o caso do relógio da Praça Osório, que, inaugurado, aos poucos dias parou. Os ponteiros foram retirados com a máquina e nunca mais voltaram para o devido funcionamento. Até por 1916, ainda antes do término do período Carlos Cavalcanti, cortia a nova forma de dizer que certas coisas não se tornariam nunca efetivas, como o "foco para as calendas gregas", ou então "só quando as galinhas fizessem desiste", e foi: "quando o relógio da Praça Osório tiver ponteiros".

Pois parece que foi alguma praça, porque durante o curso da minha vida tive notícia de vários prefeitos que tentaram conserto ou substituir máquinas.

O relógio depois de 1930 conseguiu ponteiros, mas não conseguiu andar permanentemente, e ainda hoje está parado, depois de alguns períodos sempre muito curtos de funcionamento em plena suficiência.

De fato a oferta posta em bronze: "Ao Povo a Municipalidade de Curitiba" tem sido quase desde o início (malgrado as boas intenções) demonstração de que o técnico local está falhando (há quase setenta anos) em termos radicais, ou a peça em granito mostra definitivamente que de boas intenções o inferno está calado.

A peça bonita exigia que o útil e indispensável complemento mecânico ou eletrônico estivesse prestando os devidos serviços, em termos de realidade efetiva e não em intenções que se renovam, falhando sempre e indevidamente, face ao povo a que se destina, ou a que se destinou.

Quando passo pela Praça do General Osório (que conheci com aliases enormes, sem o ruído e com linhas de bondade a tração animal que atravessavam o sítio que estou velho, e poderia, num desfilar de lembranças curiosas) quase como por um livramento desfilava mesma praça.

Uma das peças curiosas que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio.

O Dr. Cândido de Abreu era paranaense de nascimento (2-VIII-1855) e veio para o Rio de Janeiro de Nacar, sem por inúmeros motivos, pessoa de grande prestígio social, inclusive pelos seus laços de família. Embora não fosse curitibano de nascimento seria, ou era, pelo coração. Prefeito uma primeira vez (entre o final do passado século e o século presente) quase não pôde fazer o que aspirava com as suas técnicas de urbanização, à Curitiba da sua época, completamente desprovida das coisas mais fundamentais que devia proporcionar à cidade renascida. Uma grande urbanização, as avenidas de contorno, e algumas outras ideias de maior valor corrente, não as pôde levar a efeito pela exiguidade dos recursos de que o Município então dispunha.

Quando o Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque foi eleito presidente do Estado do Paraná, depois do último governo do Dr. Xavier da Silva, malgrado a mocidade do filho Rio Branco fizesse força pelo capitão João Gualberto Gomes de Sá (que, ao que parece, fora mesmo convidado antes as correntes políticas e os funcionários municipais estiveram pelo Dr. Cândido de Abreu, que se comprometera a realizar (de 1912 a 1916) o que não pudera fazer em sua administração anterior.

Meu genitor foi o camarista mais votado para esse período e foi ao Dr. Cândido de Abreu, radical e por amigo incondicional do col. João Gualberto, fazer extrema, nos excessos a que chego.

O empréstimo feito pelo Estado ao Município fez, que, tal por diante, os prefeitos passaram a ser eleitos pelo presidente do Estado e não mais eleitos, como até então. De qualquer forma, o Dr. Cândido de Abreu usou o empréstimo para muitas obras úteis como o Faço Municipal, as praças e jardins, a remodelação do Passeio Público; restabeleceu alvarais e unificou níveis, pro-

jetando ruas que só muito mais tarde foram efetivamente ruas.

Esse homem eminente foi um precursor do Dr. Jaime Lerner, mesmo nas ambições políticas, porque foi deputado federal e senador pelo Paraná. Em 22 de fevereiro de 1919 desappareceu de uma infinidade de papéis e muitas coisas pelas quais devêsse ser lembrado, hoje é apenas o nome de uma grande avenida que o traz pelo nome ao presente em que vivemos.

Em 1914 se inaugurou entre outras coisas o relógio da Praça Osório, e não colocou o seu nome em placa de bronze porque ao tempo não se usava, nem se usava ainda as fitas verde e amarelo, tesouros, cortes de fitas e coisas assim.

Era tudo muito mais simples. Os elementos do executivo se achavam na obrigação de realizar os seus programas e os lavaram a efeito como um dever, sem gabar-se. Todavia, e mesmo assim, o povo se vangloriava das coisas que não davam certo, como foi o caso do relógio da Praça Osório, que, inaugurado, aos poucos dias parou. Os ponteiros foram retirados com a máquina e nunca mais voltaram para o devido funcionamento. Até por 1916, ainda antes do término do período Carlos Cavalcanti, cortia a nova forma de dizer que certas coisas não se tornariam nunca efetivas, como o "foco para as calendas gregas", ou então "só quando as galinhas fizessem desiste", e foi: "quando o relógio da Praça Osório tiver ponteiros".

Pois parece que foi alguma praça, porque durante o curso da minha vida tive notícia de vários prefeitos que tentaram conserto ou substituir máquinas.

O relógio depois de 1930 conseguiu ponteiros, mas não conseguiu andar permanentemente, e ainda hoje está parado, depois de alguns períodos sempre muito curtos de funcionamento em plena suficiência.

De fato a oferta posta em bronze: "Ao Povo a Municipalidade de Curitiba" tem sido quase desde o início (malgrado as boas intenções) demonstração de que o técnico local está falhando (há quase setenta anos) em termos radicais, ou a peça em granito mostra definitivamente que de boas intenções o inferno está calado.

A peça bonita exigia que o útil e indispensável complemento mecânico ou eletrônico estivesse prestando os devidos serviços, em termos de realidade efetiva e não em intenções que se renovam, falhando sempre e indevidamente, face ao povo a que se destina, ou a que se destinou.

Quando passo pela Praça do General Osório (que conheci com aliases enormes, sem o ruído e com linhas de bondade a tração animal que atravessavam o sítio que estou velho, e poderia, num desfilar de lembranças curiosas) quase como por um livramento desfilava mesma praça.

Uma das peças curiosas que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio.

O Dr. Cândido de Abreu era paranaense de nascimento (2-VIII-1855) e veio para o Rio de Janeiro de Nacar, sem por inúmeros motivos, pessoa de grande prestígio social, inclusive pelos seus laços de família. Embora não fosse curitibano de nascimento seria, ou era, pelo coração. Prefeito uma primeira vez (entre o final do passado século e o século presente) quase não pôde fazer o que aspirava com as suas técnicas de urbanização, à Curitiba da sua época, completamente desprovida das coisas mais fundamentais que devia proporcionar à cidade renascida. Uma grande urbanização, as avenidas de contorno, e algumas outras ideias de maior valor corrente, não as pôde levar a efeito pela exiguidade dos recursos de que o Município então dispunha.

Quando o Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque foi eleito presidente do Estado do Paraná, depois do último governo do Dr. Xavier da Silva, malgrado a mocidade do filho Rio Branco fizesse força pelo capitão João Gualberto Gomes de Sá (que, ao que parece, fora mesmo convidado antes as correntes políticas e os funcionários municipais estiveram pelo Dr. Cândido de Abreu, que se comprometera a realizar (de 1912 a 1916) o que não pudera fazer em sua administração anterior.

Meu genitor foi o camarista mais votado para esse período e foi ao Dr. Cândido de Abreu, radical e por amigo incondicional do col. João Gualberto, fazer extrema, nos excessos a que chego.

O empréstimo feito pelo Estado ao Município fez, que, tal por diante, os prefeitos passaram a ser eleitos pelo presidente do Estado e não mais eleitos, como até então. De qualquer forma, o Dr. Cândido de Abreu usou o empréstimo para muitas obras úteis como o Faço Municipal, as praças e jardins, a remodelação do Passeio Público; restabeleceu alvarais e unificou níveis, pro-

jetando ruas que só muito mais tarde foram efetivamente ruas.

Esse homem eminente foi um precursor do Dr. Jaime Lerner, mesmo nas ambições políticas, porque foi deputado federal e senador pelo Paraná. Em 22 de fevereiro de 1919 desappareceu de uma infinidade de papéis e muitas coisas pelas quais devêsse ser lembrado, hoje é apenas o nome de uma grande avenida que o traz pelo nome ao presente em que vivemos.

Em 1914 se inaugurou entre outras coisas o relógio da Praça Osório, e não colocou o seu nome em placa de bronze porque ao tempo não se usava, nem se usava ainda as fitas verde e amarelo, tesouros, cortes de fitas e coisas assim.

Era tudo muito mais simples. Os elementos do executivo se achavam na obrigação de realizar os seus programas e os lavaram a efeito como um dever, sem gabar-se. Todavia, e mesmo assim, o povo se vangloriava das coisas que não davam certo, como foi o caso do relógio da Praça Osório, que, inaugurado, aos poucos dias parou. Os ponteiros foram retirados com a máquina e nunca mais voltaram para o devido funcionamento. Até por 1916, ainda antes do término do período Carlos Cavalcanti, cortia a nova forma de dizer que certas coisas não se tornariam nunca efetivas, como o "foco para as calendas gregas", ou então "só quando as galinhas fizessem desiste", e foi: "quando o relógio da Praça Osório tiver ponteiros".

Pois parece que foi alguma praça, porque durante o curso da minha vida tive notícia de vários prefeitos que tentaram conserto ou substituir máquinas.

O relógio depois de 1930 conseguiu ponteiros, mas não conseguiu andar permanentemente, e ainda hoje está parado, depois de alguns períodos sempre muito curtos de funcionamento em plena suficiência.

De fato a oferta posta em bronze: "Ao Povo a Municipalidade de Curitiba" tem sido quase desde o início (malgrado as boas intenções) demonstração de que o técnico local está falhando (há quase setenta anos) em termos radicais, ou a peça em granito mostra definitivamente que de boas intenções o inferno está calado.

A peça bonita exigia que o útil e indispensável complemento mecânico ou eletrônico estivesse prestando os devidos serviços, em termos de realidade efetiva e não em intenções que se renovam, falhando sempre e indevidamente, face ao povo a que se destina, ou a que se destinou.

Quando passo pela Praça do General Osório (que conheci com aliases enormes, sem o ruído e com linhas de bondade a tração animal que atravessavam o sítio que estou velho, e poderia, num desfilar de lembranças curiosas) quase como por um livramento desfilava mesma praça.

Uma das peças curiosas que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio.

O Dr. Cândido de Abreu era paranaense de nascimento (2-VIII-1855) e veio para o Rio de Janeiro de Nacar, sem por inúmeros motivos, pessoa de grande prestígio social, inclusive pelos seus laços de família. Embora não fosse curitibano de nascimento seria, ou era, pelo coração. Prefeito uma primeira vez (entre o final do passado século e o século presente) quase não pôde fazer o que aspirava com as suas técnicas de urbanização, à Curitiba da sua época, completamente desprovida das coisas mais fundamentais que devia proporcionar à cidade renascida. Uma grande urbanização, as avenidas de contorno, e algumas outras ideias de maior valor corrente, não as pôde levar a efeito pela exiguidade dos recursos de que o Município então dispunha.

Quando o Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque foi eleito presidente do Estado do Paraná, depois do último governo do Dr. Xavier da Silva, malgrado a mocidade do filho Rio Branco fizesse força pelo capitão João Gualberto Gomes de Sá (que, ao que parece, fora mesmo convidado antes as correntes políticas e os funcionários municipais estiveram pelo Dr. Cândido de Abreu, que se comprometera a realizar (de 1912 a 1916) o que não pudera fazer em sua administração anterior.

Meu genitor foi o camarista mais votado para esse período e foi ao Dr. Cândido de Abreu, radical e por amigo incondicional do col. João Gualberto, fazer extrema, nos excessos a que chego.

O empréstimo feito pelo Estado ao Município fez, que, tal por diante, os prefeitos passaram a ser eleitos pelo presidente do Estado e não mais eleitos, como até então. De qualquer forma, o Dr. Cândido de Abreu usou o empréstimo para muitas obras úteis como o Faço Municipal, as praças e jardins, a remodelação do Passeio Público; restabeleceu alvarais e unificou níveis, pro-

jetando ruas que só muito mais tarde foram efetivamente ruas.

Esse homem eminente foi um precursor do Dr. Jaime Lerner, mesmo nas ambições políticas, porque foi deputado federal e senador pelo Paraná. Em 22 de fevereiro de 1919 desappareceu de uma infinidade de papéis e muitas coisas pelas quais devêsse ser lembrado, hoje é apenas o nome de uma grande avenida que o traz pelo nome ao presente em que vivemos.

Em 1914 se inaugurou entre outras coisas o relógio da Praça Osório, e não colocou o seu nome em placa de bronze porque ao tempo não se usava, nem se usava ainda as fitas verde e amarelo, tesouros, cortes de fitas e coisas assim.

Era tudo muito mais simples. Os elementos do executivo se achavam na obrigação de realizar os seus programas e os lavaram a efeito como um dever, sem gabar-se. Todavia, e mesmo assim, o povo se vangloriava das coisas que não davam certo, como foi o caso do relógio da Praça Osório, que, inaugurado, aos poucos dias parou. Os ponteiros foram retirados com a máquina e nunca mais voltaram para o devido funcionamento. Até por 1916, ainda antes do término do período Carlos Cavalcanti, cortia a nova forma de dizer que certas coisas não se tornariam nunca efetivas, como o "foco para as calendas gregas", ou então "só quando as galinhas fizessem desiste", e foi: "quando o relógio da Praça Osório tiver ponteiros".

Pois parece que foi alguma praça, porque durante o curso da minha vida tive notícia de vários prefeitos que tentaram conserto ou substituir máquinas.

O relógio depois de 1930 conseguiu ponteiros, mas não conseguiu andar permanentemente, e ainda hoje está parado, depois de alguns períodos sempre muito curtos de funcionamento em plena suficiência.

De fato a oferta posta em bronze: "Ao Povo a Municipalidade de Curitiba" tem sido quase desde o início (malgrado as boas intenções) demonstração de que o técnico local está falhando (há quase setenta anos) em termos radicais, ou a peça em granito mostra definitivamente que de boas intenções o inferno está calado.

A peça bonita exigia que o útil e indispensável complemento mecânico ou eletrônico estivesse prestando os devidos serviços, em termos de realidade efetiva e não em intenções que se renovam, falhando sempre e indevidamente, face ao povo a que se destina, ou a que se destinou.

Quando passo pela Praça do General Osório (que conheci com aliases enormes, sem o ruído e com linhas de bondade a tração animal que atravessavam o sítio que estou velho, e poderia, num desfilar de lembranças curiosas) quase como por um livramento desfilava mesma praça.

Uma das peças curiosas que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio. Esse foi um presente feito ao povo (em 1914) por um prefeito notável, o Dr. Cândido de Abreu, engenheiro civil, que ela tem é a coluna de granito emoldurada pelo relógio.

O Dr. Cândido de Abreu era paranaense de nascimento (2-VIII-1855) e veio para o Rio de Janeiro de Nacar, sem por inúmeros motivos, pessoa de grande prestígio social, inclusive pelos seus laços de família. Embora não fosse curitibano de nascimento seria, ou era, pelo coração. Prefeito uma primeira vez (entre o final do passado século e o século presente) quase não pôde fazer o que aspirava com as suas técnicas de urbanização, à Curitiba da sua época, completamente desprovida das coisas mais fundamentais que devia proporcionar à cidade renascida. Uma grande urbanização, as avenidas de contorno, e algumas outras ideias de maior valor corrente, não as pôde levar a efeito pela exiguidade dos recursos de que o Município então dispunha.

Quando o Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque foi eleito presidente do Estado do Paraná, depois do último governo do Dr. Xavier da Silva, malgrado a mocidade do filho Rio Branco fizesse força pelo capitão João Gualberto Gomes de Sá (que, ao que parece, fora mesmo convidado antes as correntes políticas e os funcionários municipais estiveram pelo Dr. Cândido de Abreu, que se comprometera a realizar (de 1912 a 1916) o que não pudera fazer em sua administração anterior.

Meu genitor foi o camarista mais votado para esse período e foi ao Dr. Cândido de Abreu, radical e por amigo incondicional do col. João Gualberto, fazer extrema, nos excessos a que chego.

O empréstimo feito pelo Estado ao Município fez, que, tal por diante, os prefeitos passaram a ser eleitos pelo presidente do Estado e não mais eleitos, como até então. De qualquer forma, o Dr. Cândido de Abreu usou o empréstimo para muitas obras úteis como o Faço Municipal, as praças e jardins, a remodelação do Passeio Público; restabeleceu alvarais e unificou níveis, pro-

jetando ruas que só muito mais tarde foram efetivamente ruas.

Esse homem eminente foi um precursor do Dr. Jaime Lerner, mesmo nas ambições políticas, porque foi deputado federal e senador pelo Paraná. Em 22 de fevereiro de 1919 desappareceu de uma infinidade de papéis e muitas coisas pelas quais devêsse ser lembrado, hoje é apenas o nome de uma grande avenida que o traz pelo nome ao presente em que vivemos.

Em 1914 se inaugurou entre outras coisas o relógio da Praça Osório, e não colocou o seu nome em placa de bronze porque ao tempo não se usava, nem se usava ainda as fitas verde e amarelo, tesouros, cortes de fitas e coisas assim.

Era tudo muito mais simples. Os elementos do executivo se achavam na obrigação de realizar os seus programas e os lavaram a efeito como um dever, sem gabar-se. Todavia, e mesmo assim, o povo se vangloriava das coisas que não davam certo, como foi o caso do relógio da Praça Osório, que, inaugurado, aos poucos dias parou. Os ponteiros foram retirados com a máquina e nunca mais voltaram para o devido funcionamento. Até por 1916, ainda antes do término do período Carlos Cavalcanti, cortia a nova forma de dizer que certas coisas não se tornariam nunca efetivas, como o "foco para as calendas gregas", ou então "só quando as galinhas fizessem desiste", e foi: "quando o relógio da Praça Osório tiver ponteiros".

Pois parece que foi alguma praça, porque durante o curso da minha vida tive notícia de vários prefeitos que tentaram conserto ou substit